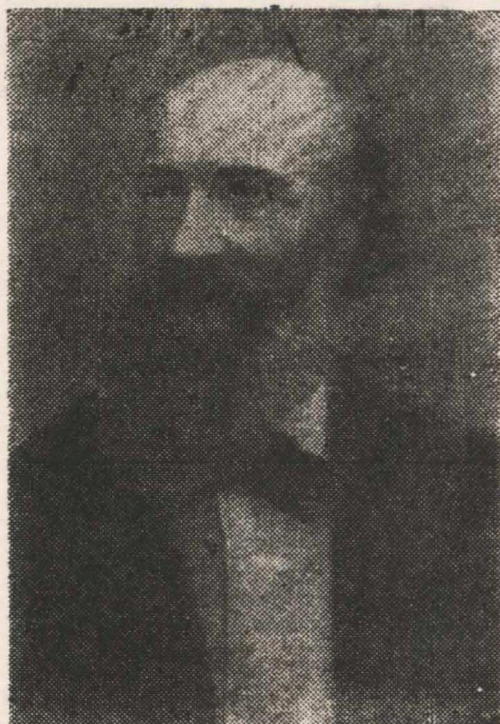


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — No. 3
MARÇO de 1979

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seça - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Malharia Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

MARÇO DE 1979

Nº 3

— S U M Á R I O —

	Página
RIO DO SUL, QUANDO AINDA FOI UM PEQUENO LUGAR . . .	62
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	64
ACONTECEU... FEVEREIRO DE 1979 '	70
FIGURAS DO PASSADO	72
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	74
MONTEIRO LOBATO E OS CATARINENSES	76
CONVERSA COM A GENTE DO VALE	79
ESTANTE CATARINENSE	82
DR. FRITZ MÜLLER, MESTRE-ESCOLA E POETA	84
O TEATRO EM BLUMENAU	86
SOCIEDADE DE ATIRADORES BLUMENAU CENTRO	87

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 80,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 80,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 180,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Nesta edição de nr. 3, de 1979, homenageamos o médico e naturalista Fritz Müller, nascido a 31 de março de 1822, cognominado de “sábio decifrador da natureza do Brasil”. Faleceu a 21 de maio de 1897. Está sepultado no cemitério evangélico de Blumenau.

Rio do Sul, quando ainda foi um pequeno lugar na mata virgem

1892-1907

por P. Hermann Stoer

Só poucos apontamentos nos foram legados acerca dos primórdios da colonização de nossa zona e encontram-se no Arquivo Paroquial da Comunidade Evangélica de Rio do Sul, levados a terno pelo Pastor Leonhard Grau (1926-1936). Segundo estes, estabeleceu em 1890 na confluência do Braço do Sul e do Braço do Norte do Itajaí, 'o primeiro colono — Kalr Schroeder, de origem alemã, vindo de Apiúna (então chamada Aquidaban). Ao redor de sua modesta choupana rondavam os perigos da misteriosa mata virgem. Não está esclarecido se ele adquiriu alguma propriedade.

Somente uma estreita e tortuosa picada conduziu, naquela época, por esta êrma e despovoada região, ao planalto, picada à margem da qual, mais tarde, entre 1893 e 1897, foi construída a linha telegráfica ligando Blumenau a Lajes. Esta primeira picada foi locada no ano de 1867, sob direção do engenheiro alemão Emil Odebrecht, o qual, por ordem do colonizador Dr. Hermann Blumenau, explorou esta zona para fins colonizatórios. A atitude hostil dos indígenas implicou em grandes dificuldades para a instalação da mesma. Terminada a obra, estacionou-se 45 km acima de Rio do Sul, hoje Pouso Redondo, o alemão Karl Peters, como inspetor de vigilância da linha telegráfica.

No principio da década de 1890 entrou em função a primeira balsa sobre o Rio Itajaí do Sul, no lugar onde hoje existe a ponte "Curt Hering", no centro da cidade. A balsa era servida pelo acima citado Karl Schroeder. Segundo anotações posteriores, o mesmo foi expulso pelos índios, após pouco tempo. Pouco depois de sua retirada estabeleceram-se perto da balsa dois outros habitantes que resistiram à perfídia dos bugres e persistiram nessa total solidão e isolamento. Foram os colonos Francisco Carvalho Basilio e Vicente Leite, o primeiro dos quais assumiu os serviços de balseiro. Sobre Vicente Leite, fiel e antigo colaborador do engenheiro Emil Odebrecht, a escassa crônica relata que coube o mérito de ter queimado a primeira roça em Rio do Sul.

A esses primeiros seguiram-se outros colonos na luta contra a selva, conquistando terra de cultura através de trabalho árduo e perigoso. Entre os colonos de confissão evangélica que para cá vieram então, contam-se, entre outros, August Zirbel, tendo o mesmo adquirido um lote rural em 1892 às margens do Itajaí do Sul. Passado meio ano veio Jacob Haeuser. A nova colônia crescia com lentidão, pois as notícias desfavoráveis acerca dos indígenas alcançavam os núcleos mais antigos. A crônica relata que em 1897 mais um colono estabelecia-se em Rio do Sul, na pessoa de Otto Schoeninchen, o qual, por um legado testamentário, foi o financiador da construção do "Hospital Cruzeiro".

A fixação de colonos tornou-se mais amiúde pela passagem do século XX, quando as famílias Wilhelm Stark, Fritz Witt, Carl Rinnert, Jacob Holler, Hermann Holler e Gustav Stark adquiriram suas colônias às margens do Itajaí do Sul. Por meio de clareiras na mata virgem, conseguiam evitar os ataques de surpresa dos índios. Contudo, era preciso adotar como primeiro mandamento: o máximo de cautela durante o trabalho nas roças! Os apontamentos relatam um assalto de bugres em 1902, no qual perdeu a vida Da. Johanna Reinnert, esposa do colono Carl Reinnert, transpassada por uma flecha.

No ano de 1904 Rudolf Odebrecht, filho do engenheiro Emil Odebrecht, abriu em "Suedarm" — era assim chamada Rio do Sul, — abreviadamente pelos colonos de ascendência alemã — a primeira venda e ao mesmo tempo modesto hotelzinho. A referida venda de Rudolf Odebrecht era administrada por seu gerente Richard Marmein, subindo ele e sua família só em 1906 para Rio do Sul. A respeito da data de 21 de junho de 1906, dia de sua chegada, Da. Theodora Odebrecht, esposa de Rudolf Odebrecht, escreveu como segue no Jornal "Urwaldsbote" de 23 de junho de 1937:

"Era uma noite extremamente fria, quando chegamos com nossa família à margem direita do "Suedarm". O velho balseiro, dono da pequena e primitiva balsa, residia na margem esquerda, sendo que nos deixou chamar inutilmente por muito tempo. Só depois de alguns tiros de pistola para o ar notamos sinal de vida no outro lado. Nas margens não existia estrada de acesso para a balsa e por isso carregamos cada pedacinho dos nossos haveres, barranco abaixo e barranco acima. Na manhã seguinte deparamos com uma encantadora paisagem hibernal. Muito tempo, porém, não ficaríamos sem caminho e balsa adequados. Depois de morarmos três semanas cá em cima, visitaram-nos o então Superintendente Snr. Alwin Schrader com alguns outros senhores de Blumenau, encomendando-se antes de mais nada uma balsa melhor e construindo-se uma estrada provisória. Nas condições daquela época, uma viagem a Rio do Sul, deveras, não era bagatela, pois automóveis ainda não existiam. A estrada, no entanto, era melhor que alguns anos mais tarde quando se tornou péssima, por ocasião da construção da estrada de ferro. Os índios ainda se manifestavam muito nos tempos de então, assaltando frequentemente as tropas de mulas e até os cargueiros. Encontravam-se grande número de cruzeiros ao longo da estrada, principalmente na várzea do "Muehlenbach" — Ribeirão Atafona — entre Riachuelo e Subida. As cruzeiros eram colocadas onde sucedia o assalto, pois geralmente os assassinados eram sepultados no local da ocorrência".

Apezar de tudo crescia agora constantemente o número de famílias que se mudavam para cá. Construiu-se a primeira atafona que poupou aos colonos a caminhada de 60 km, para moerem o milho para o pão. Nesse tempo, também, chegaram os primeiros operários de diversas profissões. Mas Havia ainda o perigo do ataque dos índios.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por FREDERICO KILIAN

Continuamos neste número, com a publicação de extractos do noticiário local, publicados pelo jornal "Blumenauer Zeitung" nos anos de 1896 e 1897.

1896 — 11 DE ABRIL: Inaugura-se em Salto Weissbach o "Instituto Therapeutico por método naturalista "Salto", sob a gerência do Sr. Richard Hinsch, que anuncia — Localidade sadia, em situação calma e de ar puro. Método de cura: Tratamento com banhos frios e quentes — Sauna — banhos de luz, de ar e de sol. Regime diético — massagens. — À disposição leitura especializada:

1896 — 30 DE MAIO — O N.º 22 do jornal traz um extenso relato sobre a tradicional festa de Atiradores da Sociedade de Atiradores de Blumenau, nos dias 25 e 26 de Maio (2a. e 3a. feira de Espírito Santo) do tiro ao alvo e ao pássaro, à qual compareceram, além dos numerosos sócios, também grande número de convidados, notadamente da Capital do Estado, mas também de Joinville, Brusque e Itajaí, para compartilharem dos festejos organizados pela referida sociedade. A noite de domingo, dia 24, realizou-se no jardim público uma retreta e na manhã de segunda-feira houve a marcha festiva, partindo da actual rua XV de Novembro, onde, em frente à casa

de Gustavo Salinger foi recebida a bandeira com as honras do estylo, dirigindo-se o préstito até à sede da Sociedade de Atiradores, iniciando-se a disputa aos títulos de Rei, I. e II. cavalheiros, pelas 9 horas, com magníficos resultados, pois nada menos do que 21 tiros atingiram o círculo central do alvo. O melhor tiro foi dado pelo senhor Luiz Altenburg Senior, que assim conquistou o título de Rei do Tiro, enquanto que os títulos de primeiro e segundo cavalheiros coube, respectivamente, aos senhores Carl Rothbarth, com 35 pontos e Wilhelm Behnke, com 33 pontos. Após a proclamação dos laureados, houve um banquete festivo. O Presidente da Sociedade, Sr. Henrique Probst, cumprimentou os convivas, vindos da capital e cidades vizinhas, tendo o Sr. Bracklow agradecido em nome dos mesmos. O Sr. Carlos Renaux dedicou um brinde especial ao novo rei do tiro e aos seus cavalheiros. O Sr. Pedro Christiano Feddersen, por sua vez, enalteceu as boas relações de amizade e camaradagem existentes entre os sócios da Sociedade de Atiradores de descendência germânica e lusa, esta aí representada por illustres sócios de longa data, o Dr. Paula Ramos, Dr. Hercílio Luz, Dr. Bonifácio Cunha e outros mais, o primeiro daqueles figurando na galeria dos reis do tiro ao alvo da sociedade e o segundo,

mêsmo exercendo o alto cargo de Governador do Estado, não deixou de comparecer, como já o tem feito no ano anterior, à tradicional festa do tiro de sua sociedade, terminando seu discurso, com um vibrante viva a estes dois illustres sócios e amigos de Blumenau. Agradecendo em nome dos homenageados, o Sr. Francisco Margarida desejou à Sociedade de Atiradores um glorioso futuro e crescente desenvolvimento. Pelas 3 horas da tarde iniciou-se o tiro ao pássaro, o qual resistiu à fuzilaria até à tarde do dia seguinte, terça-feira, quando afinal, com um tiro de mestre, o Dr. Bonifácio Cunha abateu o último pedaço do nodoso lenho, sendo então o Dr. Cunha ruidosamente aclamado rei e cumprimentado, com o mesmo entusiasmo e alegria, como, anos antes fora cumprimentado, em iguais circunstâncias, o Dr. Paula Ramos, por contar a sociedade novamente com um rei de descendência lusa. À noitinha todos os atiradores entraram em forma e puxados pela banda de música, acompanhados por grande massa popular, dirigiu-se até a rua principal, onde, após a cerimônia do recolhimento da bandeira à casa do Sr. Gustav Salinger, se dissolveu o préstito. Durante estes dois dias de festa foi grande o movimento nas dependências e pátio da sociedade, onde os mais variados entretenimentos eram oferecidos aos velhos, jovens e ao elemento feminino; principalmente na terça-feira as dependências estavam superlotadas, verificando-se, ao bai-

le que à noite foi iniciado com a tradicional "polonaise", encabeçada pelos novos reis e cavalheiros com suas damas, que o salão, recém-construído, era muito pequeno para o grande número de dançarinos. Já alvorava a quarta-feira, quando terminou o baile, para alívio dos incansáveis músicos que durante estes dois dias abrilhantaram as festas.

Nº 23 — 6 DE JUNHO DE 1896 — Em Desterro a firma Carl Hoepcke & Cia. inaugurou sua fábrica de pregos, movida com um motor de 10 HP. O governador Dr. Hercílio Luz visitou a nova fábrica, cumprimentando os dirigentes da firma Hoepcke por mais este fator do progresso do Estado.

Nº 31 — 1º DE AGOSTO DE 1896 — Chegam a Blumenau alguns engenheiros espanhóis para iniciarem os preparativos dos trabalhos para a exploração das minas de prata e chumbo do Garcia, devendo em breve chegar 50 mineiros.

Nº 35 — 29 DE AGOSTO DE 1896 — Faleceu no dia 23 de Agosto com a idade de quase 67 anos, o Sr. Anton Haertel, um dos mais antigos moradores de Blumenau e que exerceu as mais variadas funções públicas. O Sr. Haertel foi há tempos, funcionário da Direção da Colônia, quando Diretor o Dr. Blumenau e mais tarde, durante muitos anos Escrivão do Juízo de Paz e secretário da Câmara Municipal. No ano de 1881, quando do surgimento do "Blumenauer Zeitung", assumiu ele a redação do mesmo, dirigindo-a durante 9 anos.

Nº 44 — 31 DE OUTUBRO DE 1896 — A iluminação pública a querosene, em Florianópolis, será substituída por iluminação elétrica, conforme pretende a firma Cortado & Cia., a mesma que quer explorar as minas de prata da Garcia. As máquinas, para tal empreendimento, (iluminação elétrica) já chegaram à capital.

— 1897 —

Nº. 1 — 2 DE JANEIRO DE 1897 — Nas eleições do dia 30 de Dezembro compareceram e votaram em Blumenau 1859 eleitores, elegendo Antônio Justiniano Esteves Junior para Senador, com 1859 votos; Para Deputados Federais foram eleitos: Dr. Laure Severiano Müller, com 1790 votos; Dr. Victorino de Paula Ramos, com 1708 votos; Ten. Cel. Francisco Tolentino Vieira de Souza, com 1679 votos e Dr. Pedro Ferreira e Silva, com apenas 400 votos.

Nº. 3 — 16 DE JANEIRO DE 1897 — Resolução Nº. 26 da Câmara Municipal autoriza o Superintendente a abrir concorrência e contratar a iluminação da cidade até ao lugar Salto e transmissão de energia elétrica dentro do Município de Blumenau, pelo espaço de 50 anos, respeitados os direitos dos cidadãos Frederico von Ockel e Henrique F. Schmidt.

Nº. 4 — 23 DE JANEIRO DE 1897 — Traz na 1a. página um extenso artigo e relatório, sobre os estudos do traçado da linha de bonde a vapor (tram-way) de Blumenau à Aquidaban.

Nº 6 — 6 DE FEVEREIRO DE 1897 — O Sr. Francisco Margarida, até então exercendo o cargo

de Promotor Público, foi nomeado Agente de Colonização, e Juiz Comissário ad-hoc, enquanto que o Agente de Colonização interino, Sr. Thomé Braga, foi nomeado para o cargo de Promotor Público.

Nº 8 — 20 DE FEVEREIRO DE 1897 — O Tesouro do Estado liberou uma verba de Rs. 42:000\$000 (quarenta e dois contos de reis) para pagamento das despesas havidas com a Guarda Nacional de Blumenau, na revolução de 1893.

Nº 9 — 27 DE FEVEREIRO DE 1897 — A Coletoria Federal comunica que, por Decreto Nº 2421 foi criado o sistema de selagem das bebidas, sendo: Cerveja — garrafa 40 reis, litro — 60 reis. Vinho: garrafa, Rs 1\$000; Água mineral ou Limonada: Litro, 50 réis.

Nº. 10 — 6 DE MARÇO DE 1897 — Desfile carnavalesco em Blumenau. — Domingo, 28 de fevereiro, realizou-se um desfile carnavalesco, com figuras e carros alegóricos, alusivos a acontecimentos e fatos blumenauenses. Abriu o desfile um palhaço a cavalo, anunciando a chegada do préstito. Este foi encabeçado por um arauto a cavalo, portando um estandarte. Seguiu-se um grupo de 7 índios a cavalo, bem caracterizados e que foram muito aplaudidos pelos espectadores postados em ambos os lados da rua principal (calçadas não haviam naquela época). Um carro com uma canoa cheia de água, dentro da qual alguns operários quebravam pedras, simbolizava e criticava o serviço da de-

sobstrução do rio Itajaí, no trecho do Belchior. Outro carro com um ocupante que representava uma personalidade alcunhada de "Infame", cuja caracterização era tão perfeita que muitos pensavam ser ela em própria pessoa (aliás a apresentação deste carro foi muito censurada pela imprensa posteriormente). A seguir vieram cavaleiros maltrapilhos, representando os revolucionários de 1893, enquanto que um carro, seguido de um general a pé, representava a artilharia dos revolucionários. Um outro, com uma mesa e sete vereadores ao redor da mesma, criticava a ação da Câmara Municipal. Seguiu-se um carro, trazendo o dístico: — "Dr. Eisenbart & Cia.", contendo um grupo mostrando os seus instrumentos cirúrgicos — uma enorme seringa, torquez, martelo, machadinha, serrote, etc., não faltando uma máquina elétrica, para electroterapia; outro carro, tendo pendurado uma lanterna de carro e um menino movendo uma moenda, representando um gerador elétrico, criticava a iluminação pública; seguiam-se outros carros e grupos fantasiados e por fim um carro com um par de noivos espanhóis e outro com dois árabes. Tomando-se em consideração, diz a notícia, que a idéia de se organizar tal préstito, surgira apenas três dias antes e ante a dificuldade de se obter no comércio o material adequado e necessário, é digno de louvores ao grupo de jovens e homens que levaram a cabo, em tão pouco tempo, tal desfile que foi um verdadeiro sucesso. Tenciona-se formar uma sociedade carnavalesca,

para, com maiores meios e mais tempo, organizar para os anos seguintes, novos desfiles como atração à festa do rei Momo. Um baile bem concorrido no salão do Teatro "Frohsinn" finalizou a festa carnavalesca desse ano.

Nº 12 — 20 DE MARÇO DE 1897 — Fundou-se em Blumenau o Clube Carnavalesco "Filhos do Inferno", ao qual se filiaram, desde logo, muitos como sócios. A Direção ficou a cargo dos Srs. Francisco da C. Silveira, Francisco Margarida, Hermann Baumgarten, Erich Gaertner, Richard Scheeffefer, Leopoldo Knoblauch e Jacob Schmidt.

Nº 15 — 10 DE ABRIL DE 1897 — Quinta-feira, dia 8 de Abril foi entregue ao público o serviço de comunicação telegráfica para a cidade de Lages.

Nº 17 — 24 DE ABRIL DE 1897 — A firma alemã "Siemens & Halske" entrega um orçamento para a usina elétrica na localidade "Salto" desta cidade, cujo total foi calculado para 125.175 marcos alemão, cerca de Rs ... 100:000\$000, ao câmbio da época.

De uma carta, enviada de Itajaí, consta o seguinte: 17 de Abril de 1897. Uma novidade no progresso da cidade, foi a entrega do serviço de encanamento da água. O custo total foi de Rs..... 44:000\$000 (quarenta e quatro contos de réis). O preço da água é barato — instalação em casa particular, inclusive relógio, cerca de 209\$000 a 300\$000 mil réis. O consumo do metro cúbico custa 100 réis.

Nº 18 — 1º DE MAIO DE 1897 — Fonógrafo Edison. Os senho-

res Kretschmar & Koehler exhibiram no salão do Teatro "Froh-sinn" esta nova invenção do norte-americano Edison, denominada fonógrafo. Apresentou peças de orquestra de 30 músicos de Nova York. Canções, duetos, etc.. O público mostrou grande interesse. As representações foram repetidas no salão "Teutônia", em Itoupava Seca e no Indaial. Quarta-feira, 28 de Abril, à noite, o "Côro Misto" local executou duas cantigas que foram gravadas pelo novo aparelho e logo em seguida retransmitidas, o que causou grande admiração e satisfação aos presentes e principalmente aos componentes do côro ao ouvirem, vindo do aparelho, suas próprias vozes nitidamente, diferenciando-se muito bem as vozes dos solistas.

Anúncio de Kretschmar & Koehler, Agentes de Edison Electric Comp., de Nova York: — Exibição do fonógrafo elétrico de Edison, das 2 da tarde às 10 horas da noite, no salão Lueders, no Indaial. Preço: Ouvir 5 peças — 1\$000 réis.

Nº 22 — 29 DE MAIO DE 1897 — Em sua primeira página o jornal traz a notícia do falecimento, dia 21 de Maio, às 10 horas, do cientista e concidadão Dr. Fritz Müller, publicando, em necrológio, a vida e os méritos das suas pesquisas para o mundo científico. Oportunamente "Blumenau em Cadernos" publicará, na íntegra, este artigo.

Nº 24 — 12 DE JUNHO DE 1897 — Bugres. Em sua viagem de regresso a Lages, o tropeiro João Francisco de Souza, mais conhecido por João Cardoso, foi morto

pelos bugres entre Pombas e Trombudo a cerca de 130 quilômetros de Blumenau.

No mesmo número o jornal noticia que a festa da Sociedade de Atiradores de Blumenau, realizada nos dias 7 e 8 de junho, tornou-se, como nos anos anteriores numa verdadeira festa popular, porém sofreu uma interrupção de mais ou menos duas horas, com a participação dos atiradores, que em ordem de marcha, com a bandeira coberta de crêpe e puxada pela banda de música, acompanharam o séquito fúnebre por ocasião do enterro do desembargador Dr. Edelberto Licínio da Costa Campello, que tendo estado em Blumenau, em tratamento médico, veio a falecer nesta cidade. Desta forma a Sociedade de Atiradores, prestou significativa homenagem ao distinto membro da mais alta corte de Justiça do Estado, que contava com a simpatia e apreço da elite blumenauense.

Nº 41 — 9 DE OUTUBRO DE 1897 — O Dr. José Bonifácio Cunha sugeriu uma subscrição popular para obter fundos para se erigir uma condicente pedra sepulcral para o túmulo do sábio Dr. Fritz Müller. Além disso pediu aos deputados Luiz Gualberto e Santos Lostada, para apresentar um projeto na Assembléia, autorizando o Governador a mandar erigir, por conta do Tesouro, um monumento ao Dr. Fritz Müller. (Nota: Este monumento somente 30 anos mais tarde foi erigido, mas com outros recursos).

— 1898 —

Nº 10 — 5 DE MARÇO DE

1898 — O jornal noticia que foi sentido um tremor de terra na noite de 24 à 25 de fevereiro, sem causar danos. No mesmo jornal foram feitas considerações sobre a eleição para Presidente da República. O governador do Estado, deputados federais e os 3 deputados estaduais blumenauenses, em oposição ao candidato Campos Salles, indicado pelo governo central, haviam recomendado abstenção de voto. Em manifesto dos senhores Alwin Schrader, Richard Scheeffer e Frederico Specht, estes convidavam os eleitores para irem às urnas e votar em Campos Salles. Na eleição havida, porém, compareceram pouco mais de 200 eleitores, dos quais alguns votaram em Julio de Castilhos, enquanto que Campos Salles não chegou a obter 200 votos. Após a eleição houve polêmicas pelos jornais, com declaração dos Srs. Schrader, Scheeffer e Specht, revidando um artigo do Dr. Gustav L. G. Dodt.

Nº 34 — 20 DE AGOSTO DE 1898 — Dia 14 de Agosto realizou-se um culto, em memória do falecido Chanceler Otto von Bismarck, na Igreja Evangélica de Blumenau. 14 bandeiras de sociedades, com crêpe preto estavam enfileiradas ao lado do altar. Compareceram as sociedades de Atiradores de Fidelis, Testo Baixo, Sociedade Gemütlichkeit, Sociedade de Atiradores da Garcia, da Velha, do Passo Manso, de Itoupava, Sociedade de Cantores do Vale do Selke. Todas estas se formaram em frente ao Hotel Holetz, de onde seguiram, ao toque de tambor surdo,

em marcha lenta à Igreja Evangélica. Ao culto estavam representados: o Governador Dr. Hercílio Luz, pelo Sr. Gustav Salinger, Secretário do governo e deputado estadual Dr. Campos Mello, pelo Sr. Henrique Krohberger, o presidente do Congresso Estadual pelo Superintendente Otto Stutzer, os deputados estaduais Srs. Pedro Christiano Feddersen, Luiz Abry, G. Richlin, pelos Srs. Erich Gaertner, Blohm e Baumgarten. Abrilhamaram a cerimônia as sociedades de canto "Côro Misto" e "Harmonia" e ainda a banda de música Rüdiger, comparecendo todas as autoridades locais. A prédica foi feita pelo Pastor Faulhaber que fez um relato da vida de Bismarck, focalizando-o como homem, estadista e cristão. Após o culto as sociedades voltaram da igreja, em marcha unida até o Hotel Holetz, onde o préstito se dissolveu.

Nº 44 — 29 DE OUTUBRO DE 1898 — Notícia a instalação da Estação Agrônoma na localidade de Cedro, para cuja chefia foi designado pelo governo municipal o Sr. Dr. Rossi, competente agrônomo.

Inicia-se a campanha eleitoral para os cargos de Superintendente e Conselheiros da Câmara Municipal. O Dr. Bonifácio Cunha apresenta-se como candidato a Superintendente atacando o atual Superintendente Otto Stutzer e o Presidente da Câmara, Pedro Chr. Feddersen. A facção do Partido Republicano, chefiado por Feddersen, apresenta a seguinte chapa: Para Superintendente, o Sr.

Otto Stutzer. Para Conselheiros: os Srs. Carl Rischbieter, Bruno Hering, Bruno Wehmuth, Pedro Christiano Feddersen, Henrique Reuter, Joaquim Gretter, Paulo Zimmermann, Friedrich v. Oc-

kel, Henrique Klug, Rudolfo Altenburg, Emil Rechenberg, Jacob Schmidt, Gottlieb Reif, Henrique Miehe, Geraldo Jansen, Augusto Voigt, Ricardo Stein, João Scoz.

ACONTECEU...

Fevereiro de 1979

Alguns dos mais importantes fatos ocorridos durante o mês de fevereiro de 1979, em Blumenau e da região.

DIA 1º DE FEVEREIRO — A Câmara Municipal de Vereadores elege o novo presidente para o biênio 79/80, cuja escolha recaiu na pessoa do vereador Nelson João de Souza, do Movimento Democrático Brasileiro.

— * —

NO MESMO DIA, é inaugurada, às 18,00 horas, no trevo-jardim situado à rua 15 de Novembro, esquina com a Avenida Presidente Castelo Branco, a escultura criada pela artista blumenauense Sra. Elke Hering Bell e denominada "Colete Espacial". A solenidade foi presidida pelo prefeito Dr. Renato de Mello Vianna, o qual, em sua alocução, declarou tratar-se de "uma homenagem do Poder Público municipal a todos os artistas de nossa cidade".

— * —

DIA 3 DE FEVEREIRO — Realiza-se em Ituporanga a solenidade de abertura do programa da Terceira Festa da Cebola, cujos festejos foram encerrados no dia 4, domingo.

— * —

DIA 12 DE FEVEREIRO — Volta a chover no oeste catarinense, depois de uma estiagem de quase três meses e que reduziu a menos de 50% a capacidade produtora da agricultura da região.

— * —

DIA 13 DE FEVEREIRO — O Prefeito Dr. Renato de Mello Vianna dá posse aos novos membros da Comissão Municipal de Esportes, que passou a ser presidida pelo desportista Luiz Alberto Zipf.

DIA 15 DE FEVEREIRO — Foi eleita a nova Diretoria da Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí — AMVI —, tendo sido conduzido à presidência da mesma o prefeito de Indaial, Sr. Victor Peters.

— * —

NO MESMO DIA, um incêndio destrói parte da Indústria de Madeiras Kratz, localizada na rua Progreso, bairro do Garcia.

— * —

DIA 16 DE FEVEREIRO — Realiza-se, no Hotel Plaza Hering, a Festa de Queijos e Vinhos, promovida pelo blumenauense Allis Bornhoffen, atualmente residindo no Rio de Janeiro.

— * —

DIA 17 DE FEVEREIRO — Realiza-se o IV Festival do Chopp, promoção beneficente do Lions Clube Cidade Jardim. Local: Pavilhão "A" da PROEB.

— * —

DIA 19 DE FEVEREIRO — A TV Eldorado, de Criciúma, inicia transmissões normais. Seu diretor é o sr. Sebastião Santos.

— * —

DIA 21 DE FEVEREIRO — No 23° B. I. é cumprido programa especial alusivo à passagem do 34° aniversário da Tomada de Monte Castelo, pelos combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

— * —

NO MESMO DIA, as passagens dos coletivos urbanos de Blumenau, por decisão da Comissão Interministerial de Preços, foram majoradas de Cr\$ 2,50 para Cr\$ 2,80.

— * —

AINDA NO MESMO DIA, um incêndio no ônibus L-2665, da Empresa Auto Viação Catarinense e estacionado na garagem-oficina à rua São Paulo, causou destruição de cerca de 70% do mesmo e graves queimaduras no mecânico Nivaldo Rosa, funcionário da citada empresa.

— * —

DIA 23 DE FEVEREIRO — Com a presença do Sr. Governador do Estado, é inaugurado o trecho asfaltado da Rodovia Blumenau-Vila Itoupava, na Rodovia SC-474 Blumenau-Guaramirim, numa extensão de 17,5 quilômetros.

— * —

NO MESMO DIA, às 10,50 horas, é inaugurada, pelo Chefe do Executivo Catarinense, a Rodovia SC-418, ligando a BR-470 à cidade de Pomerode, numa extensão de 17 quilômetros e quarenta metros.

Figuras do Passado

MONSENHOR JOSÉ SUNDRUP (II)

(Conclusão)

ELLY HERKENHOFF

Muitos anos mais tarde, por ocasião de sua morte, ocorrida a 8 de novembro de 1951 em Resende (RJ), o jornal resendense "A Lira", em extenso necrológico publicado a 15 daquele mês, escreveria o seguinte trecho:

"Duas altas preocupações polarizaram a sua vida: construir igrejas e fundar escolas. Espírito sobremodo tolerante, praticando os ensinamentos de Jesus na terra, sem atitudes de escusada agressividade, antes procurando e logrando convencer pela persuasão serena, o saudoso sacerdote angariou prosélitos, conquistou apreço, tornou-se venerado, veneratione que bem se traduziu e exteriorizou na cerimônia de seu enterramento, que não foi o desfile de um cortejo fúnebre, para ter as magnificências de espetacular apoteose".

Facetas extraordinárias estas, da personalidade invulgar do Monsenhor, do Padre que, em novembro de 1917, se confrontava com uma situação extremamente problemática. De um momento para outro, a proibição da língua alemã na igreja, impossibilitava o perfeito entrosamento — então mais necessário do que nunca — entre o vigário e os católicos chamados "de língua alemã", impedia o pároco de levar a mensagem de Cristo à totalidade de seus paro-

quianos, quando a sua vocação, a suprema finalidade de sua vida, era difundir sempre e sempre mais, a palavra de Cristo entre os homens.

Certa noite de novembro, Padre Sundrup partiu a cavalo — seu fiel companheiro "Hans" — antes que a situação, então já muito embaraçosa, se agravasse.

Dirigiu-se para Brusque, onde contava com amigos e onde, segundo o jornal resendense, veio a conhecer o fundador do Seminário de Azambuja, Padre Jayme Câmara, mais tarde D. Jayme Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, de quem se fez grande amigo. Em 1922 foi nomeado vigário da paróquia de Copacabana, na época já importante bairro do Rio. Em 1930, atendendo a um chamado de D. Guilherme, bispo de Barra do Piraí, seu patrício e amigo, transferiu-se para Resende, onde, como vigário, rezou a primeira missa na Matriz, a 14 de novembro daquele ano. Em 1934 foi elevado à alta dignidade de Monsenhor, título honorífico, concedido pelo Papa a alguns eclesiásticos que fazem jus à distinção.

"Pela precariedade de sua saúde", escreve o já citado jornal, "internou-se na Santa Casa, deixando as funções de vigário em dezembro de 1947, exercendo as-

sim, esse mister por 17 anos. No entanto, embora doente, continuava a exercer todas as funções de seu sagrado ministério, quer nos serviços religiosos da Santa Casa, onde se fez muitíssimo estimado de diretores, médicos, pessoal interno e doentes, que visitava continuamente, levando-lhes não só o conforto da assistência religiosa, como a palavra amiga, reanimando-os para vencerem as insídias da vida. Foi, em síntese, um dos mais destacados sacerdotes que Resende contou”.

E mais adiante:

“Cnde Monsenhor Sundrup, em suas contínuas digressões pelo interior do município encontrava um povoado, cuidava logo de reunir os maiores da localidade e convencia-os de construírem igreja, por mais modesta que fosse, e criar uma escola, que parte ele custearia de seu bolso. Assim aconteceu dezenas de vezes. Onde houvesse um enfermo que carecesse dos sacramentos da igreja. Sundrup acudia presto ao sol ou à chuva, vencendo muita vez a pé os óbices da jornada”.

Fazendo o relato das cerimônias fúnebres, o jornal escreve:

“Era o povo, em sua expressão lídima, o anônimo das ruas, de pés descalços e sem paletó, de algibeiras vazias e de coração cheio de gratidão, que se acotovelava com as altas personalidades da cidade, disputando as alças da urna mortuária, para levar à tumba os despojos de quem fora seu abnegado servidor.

Ao circular, na manhã de sexta-feira, a notícia de seu passamento, que logo a voz dos sinos da

Matriz, das igrejas e capelas da cidade anunciava à população local, fez-se intensa romaria de senhoras e populares à Santa Casa, para se ajoelharem aos pés do cadáver e beijarem-lhe as dadivosas mãos. Quer o velório da Santa Casa, quer o velório na Matriz, por noite inteira, os templos se superlotaram de visitantes de todas as classes sociais que rezavam e choravam. Na Santa Casa, o Cônego Muzzi, Major-Capelão da Academia Militar, em frase eloqüente, com a costumeira fluência de sua impressionante palavra, traçou o perfil do caridoso morto, cuja atuação eficiente enalteceu. A missa de corpo presente rezada na Matriz, às 7 horas da manhã do dia 10, e oficiada por D. José Coimbra, ilustre bispo de Barra do Piraí, com a coadjuvação de 8 sacerdotes, foi concorridíssima, não comportando o templo toda a vultosa assistência. No cortejo fúnebre, que se movimentava lentamente, figuravam todas as associações religiosas da cidade, todas as alunas internas e externas do Ginásio Santa Ângela, todas as alunas Escola Profissional Sagrado Coração, mais de 150 alunos das escolas municipais da cidade, grande número de alunos do Grupo Escolar Dr. João Maia, quase a totalidade dos vereadores da Câmara Municipal, o prefeito municipal, quase toda a Mesa Administrativa da Santa Casa, enfermeiras e pessoal interno do pio estabelecimento, representantes de todas as associações de classe, figuras representativas da sociedade local, inúmeras senhoras e

senhoritas, transportando vistosas braçadas de flores naturais. Acompanharam-no, revestidos de suas vestes talares, o Bispo D. José Coimbra, acolitado por 8 sacerdotes, entre os quais o vigário de Itatiaia, o Professor Padre Francisco José, Cônego Muzzi, Major-Capelão da Academia Militar, Padre Guilherme, Padre Teodoro, Reitor Superior do Seminário S. C. de Jesus de Taubaté, Frei Estanislau, de Petrópolis, D. Martinho, de Pinheiral”.

Ainda segundo o jornal “A Lira”, o prefeito de Resende decretou luto oficial por três dias, fez hastear em funeral à fachada do Edifício Municipal a Bandeira Brasileira, determinando mais que às expensas da prefeitura fosse feito o funeral e construído na Necrópole dos Passos carneiro em que seria sepultado o saudoso morto — o sacerdote que, no

dizer de um dos oradores à beira do túmulo, deixou como espólio apenas batinas esfarrapadas e armários vazios. . .

*

O dia 2 de dezembro de 1917 foi domingo de primeira comunhão em Joinville. Entre os pequenos comungantes, uma loura menina, de coraçãozinho oprimido pela decepção: quem ali estava, oficiando a cerimônia, era um padre estranho, e não o padre amigo, do sotaque familiar, o padre de toda a sua primeira infância, o padre que — haviam lhe dito — deixara a cidade para nunca mais voltar. . .

A menina loura e tímida que, há sessenta anos atrás, ia lhe pedir a bênção, Monsenhor, vem neste primeiro domingo de dezembro, como joinvillense, lhe render a sua Homenagem.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 21 de outubro de 1865:

Blumenau, 5 de outubro. (Do correspondente blumenauense Pastor Oswaldo Hesse). — Acabamos de viver horas emocionantes, que marcarão profundamente toda a vida de nossa Colônia. Deixaram-nos, há pouco, 56 dos nossos concidadãos, que acorrem para o campo de batalha e da honra, como voluntários à proteção da nova Pátria. — Assim que surgiu a primeira notícia sobre a intenção do Presidente da Província, de criar um batalhão de voluntários, sob as ordens de oficiais alemães, a nossa direção da Colônia se apressou em fazê-la chegar ao conhecimento de todos, por meio de um apelo caloroso e vibrante. As matrículas aumentaram, num crescente entusiasmo, ficavam contentes os que recebiam um “sim”, e tristes, quando a

idade era insuficiente ou então muito avançada ou ainda quando, por motivos de saúde, eram recusados. A escolha do chefe recaiu sobre o antigo oficial prussiano sr. engenheiro Odebrecht. E assim, em pouco tempo, se atingiu o número de 56 homens e o dia de hoje foi designado para a partida. Às 7 da manhã, o clarim deu o toque de chamada. Dentro de pouco tempo, os voluntários se reuniram — o que não era de esperar da parte de muitos, pois haviam comemorado alegremente durante toda a noite — formando, com raras exceções, uma valorosa e selecionada corporação. Enfileirados, ouviram as palavras graves e transcendentais do atual diretor da Colônia, sr. H. Wendeburg, pormenorizando os seus novos deveres assumidos, e em seguida os confiou ao sr. Odebrecht, como seu novo Comandante. Este então nomeou 5 graduados entre os mais experimentados e ordenou a um deles, trazer a bandeira com a sua turma. A bandeira, que ostentava as cores do Brasil, e que mãos femininas haviam ornamentado com um laço preto-vermelho-ouro (com a inscrição em ouro: “COLÔNIA BLUMENAU, 5 D’ OUTUBRO 1865”), foi carregada com as cerimônias de praxe e levada à frente do contingente. — Cada vez mais solene tornou-se o ambiente, centenas de pessoas rodeavam em massa compacta os voluntários, e já se viam, aqui e acolá, cenas enternecedoras de despedida. Como a esse ato solene não podia faltar a bênção religiosa, o Pastor protestante, Oswaldo Hesse, concedeu a bênção com palavras breves e solenes, aos que partiam, enquanto todos, como a um só comando, se descobriram. Em seguida os voluntários em fileira, marcharam ao som da banda de música e de bandeira desfraldada, até a serraria, a uns 1.000 passos de distância, acompanhados de quase toda a multidão. Antes de embarcarem nos diversos botes, o sr. Wendeburg deu vivas ao Imperador, ao Brasil e aos voluntários, vivas estes acompanhados por todos e terminados em estrondosos hurras. É de se ressaltar a exemplar ordem reinante, a verdadeira distinção que toda a assistência revelou durante a cerimônia. O dia de hoje será inesquecível, oxalá seja ele para sempre um dia de glória para os nossos irmãos que partem, para a nossa Colônia e para todos os alemães!

Blumenau, 9 de outubro. — Hoje o informante precisa invocar o auxílio de todas as nove musas, para estar mais ou menos em condições de relatar de maneira condizente, o entusiasmo, a alegria e o delírio com que foram recebidos os nossos voluntários por brasileiros e alemães, na Vila de Itajaí. Pelas notícias aqui chegadas, as autoridades os saudaram, o Cap. Flores os ornou com laços nas cores do Brasil, os navios ancorados no porto içaram as bandeiras, mais de 100 Milréis de foguetes foram para os ares. — E a comida, e a bebida!!! Em tais circunstâncias, os três dias prefixados para a marcha, não serão suficientes! — Roh. —

.....
A coleção completa do “Kolonie-Zeitung” faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

MONTEIRO LOBATO E OS CATARINENSES

Por ENÉAS ATHANÁZIO

Monteiro Lobato, ao que parece, jamais pisou o solo catarinense, nem mesmo quando sua campanha petrolífera o levou a inúmeras regiões do país. Diante disso, é natural que as referências ao nosso Estado, no correr de sua obra, sejam raras, ainda que expressivas.

Na “Geografia de Dona Benta”, uma de suas mais conhecidas obras infantis, Lobato alinha algumas considerações a respeito de Santa Catarina. Enquanto o “Terror-dos-Mares”, — um birgue faz-de-conta em que o pessoal do Sítio do Picapau Amarelo percorria o mundo, — singra as costas estaduais, a bondosa Vovó Benta mostrava pela luneta as cidades de Laguna, São Francisco e Florianópolis, esta última ainda porto de mar. Narizinho notou que a Capital ficava numa ilha, dando causa ao seguinte diálogo:

— É a Ilha de Santa Catarina — explicou Dona Benta. — Essa cidade já teve um nome muito feio — Desterro. Depois mudou para Florianópolis, ou cidade de Floriano.

— E como se chamavam os moradores da antiga cidade de Desterro? — quis saber Pedrinho.

— Desterrados! — gritou lá do leme a Emília. Quindim deu uma risada, quó, quó, quó...

— Chamavam-se *desterrenses* — disse Dona Benta.

— E agora?

— Agora são os *florianopolitanos* ou *florianopolitenses*. A gente de lá não ganhou muito com a troca...”

Refere-se depois ao nosso território e população, concluindo: “Há várias cidadezinhas muito curiosas, formadas pelos colonos alemães. São diferentes de todas as outras do Brasil, não só pelo tipo das casas, como pelos costumes dos habitantes. Lindas e muito prósperas. Possuem fábricas de mil coisas: manteiga, queijo, sabão, velas, vassouras, meias, fósforos, pregos, cerveja, colas, farinha de banana, tecidos de algodão etc. A principal é Blumenau, fundada pelo notável Dr. Blumenau. A segunda é Joinville.” (1)

Conclui-se do trecho, sem maior esforço, que a simpatia lobatiana pedia toda para estas últimas cidades. Nota-se, ainda, que conferida ao Dr. Blumenau a condição de notabilidade, coisa que a poucos outros conferiu. Escrito na década de 1930, a única observação que acrescentou foi a de que nosso Estado, na região do planalto, era um prolongamento geográfico do Rio Grande do Sul. Força é convir que os pequenos leitores do livro muito pouco encontravam nele para aprender a respeito de coisas e gentes catarinenses. Embora Lobato acentuasse a contribuição germânica à nossa colonização.

Muitos anos antes, comentando na “Revista do Brasil” a “Bra-

silische Prosa”, lançada na Coleção Literatura Sulamericana, teve palavras de entusiasmo para essa contribuição: “Aos poucos o Brasil acabará reconhecendo que deve muito ao esforço alemão, desde Hans Staden, que tão bela documentação deixou nos primeiros dias da nossa terra, até Bresslau, que chegando pouco antes da guerra estalar, percorreu grande parte do país para estudar a embriogenia dos marzupiais, procurando desvendar o eterno segredo da vida, como inúmeros outros pesquisadores alemães que têm aportado ao Brasil. A contribuição científica desses investigadores é tão importante que não lhe vale metade o trabalho reunido de outros investigadores filhos de outras terras. Se o esforço dessa gente fosse bem compreendido pelos brasileiros, seria mister conceder-lhes um lugar privilegiado na nossa gratidão. Em 1820 já emigravam eles para aqui, amalgamando-se conosco, compartilhando das nossas agruras, pelejando pela nossa independência, improvisando batalhões para defesa da nova pátria nos campos paraguaios, e, mais tarde, criando núcleos coloniais dos mais importantes, na Bahia, Espirito Santo, Minas, Rio de Janeiro, grande parte do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Sempre se fundiram conosco, participando das nossas aspirações nacionalistas, como mostra Beckmann, figura tão interessante da nossa história.” (2)

Monteiro Lobato, aliás, traduziu e publicou no Brasil o livro de Hans Staden, além de tê-lo adaptado para as crianças. O volume até hoje integra suas obras completas.

No “Poço do Visconde”, esse pequeno curso de geologia infantil, o famoso personagem prevê a abertura de ótimos pocos de petróleo, todos com excelente produção, em várias zonas de Santa Catarina. Idêntica profecia fôra feita também pelo “sabugo científico” em relação à Bahia: “Até na zona do Lobato, nos subúrbios da Capital, abriram-se pocos de excelente petróleo”. Isso foi dito em 1937, dois anos antes da abertura do primeiro poço petrolífero do Brasil — por coincidência o de Lobato. Com relação ao nosso Estado, infelizmente, as profecias do sábio vegetal não se realizaram. (3)

Outro documento, este de 1935, registra o contacto de Monteiro Lobato com o então Deputado Federal Henrique Rupp Júnior, representante de nosso Estado. Empolgado pela campanha petrolífera, o escritor havia traduzido e prefaciado o volume “A luta pelo petróleo”, do engenheiro Essad Bey, onde o autor revelava a guerra sem quartel pela posse das reservas do ouro negro. Um exemplar do livro fôra oferecido pela Editora a cada um dos nossos congressistas. Rupp Júnior, porém, foi o único a se manifestar, o que motivou a longa e amarga carta que Lobato lhe escreveu. (4)

Nessa missiva ele lamenta as dificuldades, naturais umas, fabricadas outras, para a extração do nosso petróleo e a conseqüente in-

dependência econômica do país. Desolado com a nova Lei de Minas, contra a qual travaria longa e improficua batalha, agradece comovido o apoio de “homens que têm a mentalidade diferente da comum”, a exemplo daquele membro da nossa bancada.

Não parece que Rupp Júnior e Lobato tenham se conhecido em pessoa e a correspondência entre eles não teve sequência, embora seja certo que o escritor obteve um decidido aliado na pessoa do parlamentar e professor catarinense.

A mais importante manifestação saída da pena lobatiana a respeito de um catarinense foi, sem dúvida, a crítica que fez sobre o livro “Terra Catarinense”, de Crispim Mira. Embora considerando a crítica o mais execrável dos gêneros literários, Monteiro Lobato a exerceu por muito tempo e com indiscutível sucesso.

No caso de Mira, encantado com a beleza de seu livro, Lobato escreveu um ensaio extenso e penetrante, analisando-o de uma forma mais completa do que o comum de seus ensaios no setor. Vibrando de entusiasmo ante as descrições de Crispim Mira, o crítico se deleita com a dança dos tangarás, que o autor catarinense retrata com rara precisão. E todo o livro, enfatiza Monteiro Lobato, “é escrito em bom estilo, sóbrio sem secura, singelo sem vulgaridade, e pitoresco sem galharada excessiva de regionalismo. Nele se estuda sob todos os aspectos o Estado barriga-verde, entreverando-se paisagens com estatísticas, anedotas com visões de sociologia, e história com cenas de costumes. Quais dess’arte o sr. Mira dar uma impressão exata, quase a sensação da terra catarinense. E de si dá a medida dum escritor que tem o que dizer, e o diz bem, às rápidas, com clareza e sinceridade.” (5)

O elogio é rasgado e ressuma sinceridade. E sendo Monteiro Lobato, na época, um dos mais respeitados intelectuais brasileiros e um crítico de renome e influência nacionais, a sua crônica constituía-se em autêntica e pública consagração do nosso coestaduanos Crispim Mira.

Notas

- (1) “Geografia de Dona Benta” — Editora Brasiliense — S. Paulo — 1964 — págs. 45/46.
- (2) “Críticas e outras notas” — Editora Brasiliense — S. Paulo — 1965 — págs. 170/171.
- (3) “O poço do Visconde” — Editora Brasiliense — S. Paulo — 1964 — págs. 217/218.
- (4) “Cartas Ecolhidas” — Editora Brasiliense — S. Paulo — 1959 — vol. I, págs. 346/349.
- (5) “Os tangarás”, in “A onda verde”, Editora Brasiliense — S. Paulo — 1959 — págs. 47/52.

Conversa com a gente do Vale

Lauro Eduardo Bacca

Oi.

Como vais, tudo bem?

Gozado, Há pouco, só de pensar que viria aqui falar contigo, até me emocionava e o coração disparava. Agora, agora parece que nada tenho à te dizer. É como se entre nós não houvesse necessidade de conversa... parece que a gente se entende em silêncio, não é mesmo?

Mas eu preciso te dizer alguma coisa, algo que eu tenho aqui dentro... algo que me vai n'alma e que precisava desabafar...

Deves estar estranhando, pois, um dos que pertencem à arrogante espécie *Homo sapiens*, vir aqui, descer até onde estás, conversar contigo, te tratar como gente, te chamar de gente. Mas vou te explicar:

Sempre achei que tudo nesta terra é importante para o imenso caudal da vida e sempre gostei de me considerar tão importante como uma formiguinha que nossos descuidados pés esmagam. Um dia, assisti a um filme espetacular que poucos viram — DERZÚ UZALÁ. Neste filme, o personagem Derzú, sabia compreender tudo o que estava além da esfera humana, além do nosso normalmente estreito comprimento de onda de nossa percepção. E chamava a todos de gente: O tigre, o fogo, a lua, a planta, os ventos, a mata, o sol. Tu também para ele serias chamado de gente. Esse filme caiu do céu para mim e

logo adotei o llinguajar do personagem Derzú Uzala, passando a chamar a tudo de gente. Podia ser um outro termo qualquer; o que interessa é o termo igualitário entre as coisas da natureza e o homem, mera parte deia.

Mas, engraçado. Tens estado amarelo, muito amarelo nos ultimos tempos. Sera que assim o eras antigamente? Nao me respondes, mas tenho certeza que antes tu tinhas um aspecto mais saudavel. Tu não és mais o mesmo. Qualquer chuvinha, ficas amarelo. Tu me pareces muito doente.

Quanta coisa mudou, desde que, pela primeira vez, conduziste para ca, gente do meu povo, os seres humanos. Acho que sentes muito odio contra nós. Sim, porque tu foste o grande prejudicado nesse encontro. Por varias oca-sioes, procuraste mostrar tua força para meu povo, mas nada adiantou. O resultado agora, é que estão querendo te amarrar, te amordaçar. Dois dos teus mais importantes braços já estão amarrados. Agora, estão te colocando uma terceira amarra, maior do que as outras duas juntas. Vão te amarrar e te obrigar a invadires as terras — as poucas terras que sobraram para os teus amigos índios — amigos que sempre souberam viver contigo, em maravilhosa e harmônica coexistência pacífica. Estão amarrando um dos teus mais poderosos bra-

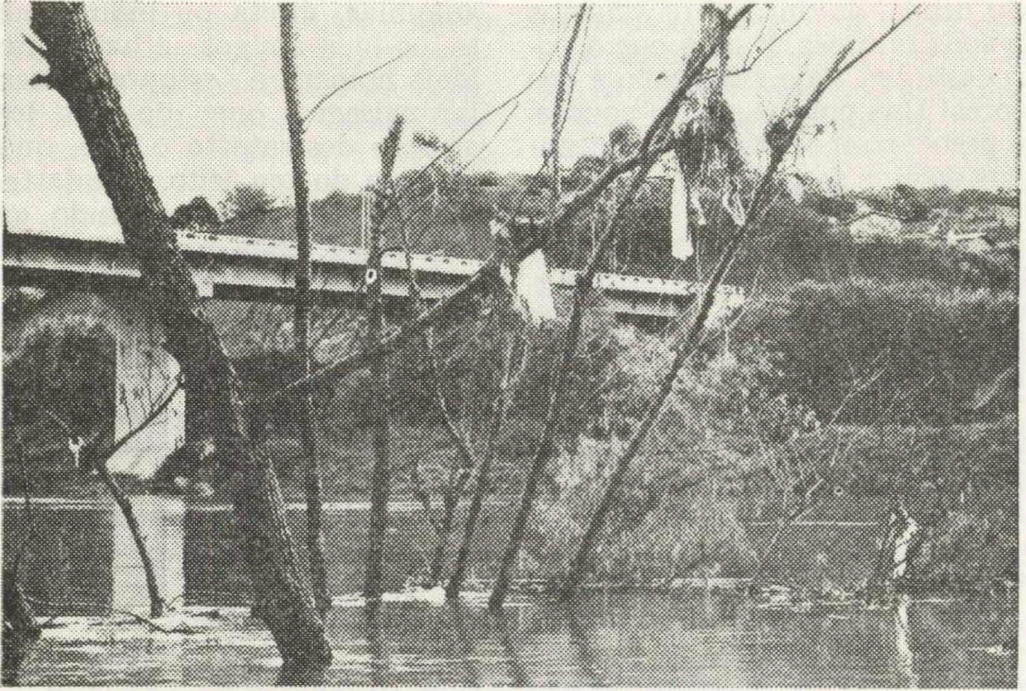
ços... e vão conseguir, sabias? Já o conseguiram em muitos colegas teus, que pareciam bem mais fortes...

Os meus ainda te culpam quando te revoltas. Eles não compreendem que, periodicamente, tu sempre saís do teu caminho para visitar a paisagem tua vizinha. Estas visitas sempre doem um pouco, é lógico, mas todos os componentes da paisagem vizinha a ti sabiam que as mesmas eram benéficas. A tua vizinha paisagem, que nós chamamos de vargem ou várzea, sabia que tuas visitas era importantes, pois elas a enriqueciam com sua lama fértil. Além disso, tu, em sucessivas saídas do teu caminho, moldaste, modelaste a paisagem até a perfeição, através dos milênios. Quando o homem começou a fazer parte desta paisagem, ele não compreendeu a dor causada por estas tuas visitas. Ele não sabe que, para a paisagem, a dor causada é como a dor de uma injeção. Dói no momento, mas compensa pelos benefícios que ela traz. Tal uma criancinha em relação à enfermeira que lhe aplica uma injeção dolorida, o homem também te culpa pela dor que tu lhe trazes...

Mas, ainda abrigas vida! Acabo de ver vários dos teus habitantes saltando aqui ao lado! Porém, que vida, a tua e a dos teus habitantes. Não sei se chamo a isto de vida ou de agonia. Tu, me parece, estás entrando numa longa agonia. Todos os teus companheiros, aqueles que sempre viveram junto a ti e em ti, estão sendo forçados a te deixar.. O meu

povo não só persegue teus amigos, como também estão te deixando sem forças para abrigá-los e protege-los. Estamos te deixando moribundo...

O lindo adorno dos teus lados, antes emoldurados por um maravilhoso e denso manto verde está cedendo lugar a horríveis chagas, a enormes manchas marrons, amarelas, vermelhas. Cadê esta gente que antes tornava teu caminho mais belo, poético, protegido? Coitados, também eles estão levando a pior, por culpa do meu povo. E aquela gente de pernas brancas, pernas e pescoço comprido, que completava com sua cintilante alvidez o adorno verde do teu caminho? Estão sumindo. Em seu lugar, nós te lançamos nossos plásticos entulhando teus barrancos ou que, dependurados nos galhos das já quase poucas árvores que ainda te margeiam, formam como que um tétrico adorno da tua agonia! Adorno este que me faz lembrar a coroa de espinhos que nós humanos colocamos na cabeça de um irmão nosso chamado Jesus Cristo. E a gente que vivia no teu interior, que ali pululava e que hoje parece não serem tantos? Agora, sobre teu dorso e dentro de ti, pulula toda sorte de dejetos, lixo e resíduos do meu povo, a ocupar cada vez mais, o lugar dos teus habitantes naturais. E os teus irmãos pequeninos, que vinham correndo das montanhas para se juntarem a ti, te dar mais vigor, te renovar e reforçar com suas cristalinas e oxigenadas águas, trazidas lá de cima? Hoje, muitos te chegam agonizantes; outros,



“Nessos plásticos... um tétrico adorno da tua agonia”.

completamente mortos e podres; inúmeros outros então, simplesmente desapareceram por completo. Muitos deles, ao invés de te injetar força, te dão um golpe, transformados que foram por nós humanos, em mais um peso que tu, já enfraquecido, tens que suportar.

E o luar que embelezava tua face? Ah, este sim, ainda existe, mas, tem muitos concorrentes. São as luzes do meu povo, este mesmo povo que está te matando. Não deixam de ser belas, refletidas no teu vasto e calmo olhar.

Quando para cá conduziste o Dr. Blumenau e sua gente, começaste a ver cada vez mais destas luzes. A princípio, eram tímidas

chamas de lamparina ou místicas fogueiras. Não debes tê-las estranhado, pois teus irmãos índios já faziam o mesmo. Mas as luzes foram aumentando rapidamente de número, aumentando cada vez mais...

Vendo o Dr. Blumenau e sua gente; sentindo Fritz Müller a examinar com tanto interesse e tão meticulosamente teus minúsculos habitantes, tu até talvez chegaste a te sentir orgulhoso. Não imaginavas certamente o que chegariam a fazer contigo, justo esse povo a quem serviste desde antes de 2 de setembro de 1850 até hoje. Povo que ainda hoje usa tua água para beber e para se banhar ou para seus processos industriais. E que em troca te faz en-

golir o seu miço, a sua água de sabão usada, as tintas e os venenos de suas fábricas. E olha que o povo deste teu Vale ainda não é dos piores! Uns poucos, muito poucos, se preocupam contigo e purificam seus dejetos para que não sejas obrigado a engolí-los. Mas estes poucos ainda são insignificantes diante do todo — quase tão insignificantes quanto o são minhas lágrimas diante das miríades das tuas gotas.

Meu caro rio Itajaí: à cada noite que chega, tu vês novas luzes dos humanos ao teu redor. Isso pode significar mais homens a te obrigar a engolir seus nojentos dejetos, mais homens a que-

rer te amordaçar; mais homens a aniquilar, direta ou indiretamente, os teus amigos e habitantes. Mais homens a estuprar a secular paisagem que do teu leito sempre desfrutaste e que, quando fora do teu leito, ajudaste a moldar. Mas, acima de tudo, querido Itajaí, cada luz pode significar mais uma vela acesa para ti, numa macabra preparação para o teu tão monumental quanto estúpido velório, velório por que já passaram vários colegas teus, deste palmeta e deste país.

Perdoa meu povo, rio Itajaí. Ainda somos muito primitivos... não sabemos o que fazemos...

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

**“DICO, O SERTANEJO HERÓI”, de José Gonçalves.
Editora Lunardelli — Fpolis, 1979**

Dico é um romance regionalista, que defende a ecologia, retratando, também, a vida interiorana no Vale do Itajaí, mais precisamente o interior de Indaial, há uns quarenta anos atrás. E mistura a tudo isso fatos reais da vida de um jovem agricultor e de sua família, adicionando-lhe momentos de pura ficção.

O autor teve a gentileza de me ceder os originais, há cerca de um ano. A minha apreciação sincera sobre a história ficou expressa em um memorando que lhe enviei e que acabou sendo incluído, para minha surpresa, nas páginas iniciais do livro.

A participação de um pracinha catarinense no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial, é, em última análise, uma homenagem a todos aqueles que lutaram na Europa defendendo os ideais brasileiros. O livro, porém, narra com bastante fidelidade, porque baseado em depoimentos, a participação catarinense nas duras bata-

lhas feridas em solo italiano, passando, assim, a constituir obra obrigatória da bibliografia existente sobre a segunda guerra mundial. O que é ficção e o que é realidade em "Dico"? O personagem, Dico, é real. Hercílio "Dico" Gonçalves, morto em combate, era primo do autor do livro. Os demais acontecimentos, também expressam a realidade? Será ficção a trama amorosa envolvendo o "herói" e a terna Ana Maria, a "mocinha"?

Talvez para alguns críticos mais exigentes, este livro, com narração singela e sem rebuscos literários, possa parecer simples demais. Mas a difusão da literatura brasileira só poderá ser feita sobre bases construídas com este tipo de narrativa. Por isso, "Dico, O Sertanejo Herói" conta pontos duplamente: por incorporar-se à bibliografia da segunda grande guerra, e por atingir um público ainda não muito afeito às letras. À venda na Tipografia Centenário.



LINDOLFO BELL E A CATEQUESE POÉTICA,

de Maria Joanna Tonczak

Conselho Estadual de Cultura, Fpolis., 1979

Santa Catarina destacou-se na poesia, através dos tempos, com um nome que, em vida, pouco reconhecimento teve: Cruz e Souza. Nos tempos atuais, quem melhor do que Lindolfo Bell para representar o poeta catarinense?

Idealizou e levou avante o movimento "Catequese Poética", levando a poesia às praças públicas das grandes cidades brasileiras. A partir daí, LB deixou de ser catarinense: universalizou-se. E continuou declamando nas praças públicas. Quer dizer, a catequese não morreu. A autora deste livro, depois de referir-se ao material coletado nas suas pesquisas, para a elaboração do trabalho, esclarece: "E é com tal material e outras pesquisas que ainda pretendemos realizar, que se há de contar a história da Catequese Poética no Brasil e de um dos mais representativos poetas brasileiros contemporâneos, e dos mais importantes, em Santa Catarina, desde Cruz e Souza".

E, mais adiante, Maria Joanna Tonczak, desabafa:

"Com este nosso trabalho, acreditamos estar prestando uma contribuição, se não a mais perfeita e completa, pelo menos a mais sincera, para a História da Literatura Brasileira."

Maria Joanna nasceu em Santa Catarina mas desenvolveu suas atividades no vizinho Estado do Paraná.

A chancela do livro é do Governo do Estado de Santa Catarina, através do Conselho Estadual de Cultura, integrando a Série "Literatura", da Coleção "Cultura Catarinense".

Dr. Fritz Müller, mestre escola e poeta

Por Frederico Kilian

O Dr. Fritz Müller, como sabemos, exerceu por vários anos a função de professor no Liceu Provincial, na então Desterro, Capital da Província, mas antes já, em seu próprio lar, aqui em Blumenau, se dedicava, nas poucas horas de folga, ao ensino das primeiras letras às suas filhas e procurava despertar-las para as belezas da natureza e os perigos do ambiente em que viviam, ao par de ministrar-lhes as outras matérias escolares, como a história, matemática, física e os segredos da química. Ressentia-se, porém, da falta, na Colônia, de livros didáticos para o ensino primário e de adequada literatura.

Assim, o Dr. Fritz Müller experimentou-se em escrever, para as suas filhas, algumas poesias, dos fatos e observações que lhe proporcionava a própria natureza.

Entre as várias poesias, que nessas circunstâncias saíram da pena do Dr. Fritz Müller, publicamos a seguir, no texto original, em alemão, e numa versão livre, em vernáculo o que às suas filhas fazia saber sobre a jararaca.

JARARACA

“Wie ist es doch im Hause so schwül,
In der Laube, da ist es schattig und kühl,
Und süsse Früchte bietet mir da
Zur Labe die koestliche Maracujá.”

Gesagt, getan, mit leichtem Sinn
Eilet der Knabe zur Laube hin;
Und wie er geht, da folgt ihm schnell
Sein Hündchen mit Springen und munderm Gebell!

Und sieh, am Weg in guter Ruh
liegt eine Jararacassú,
und sonnt sich — nach ihrer Weise —
Geringelt in dichte Kreise.

“Nicht ungereizt”, der Vater spricht,
“Die boese Jararaca sticht,”
“Drum will ich still vorübergehn,
So wird mir ja kein Leid gescheln”.

Und stille bleibt die Schlange liegen,
Kaum faengt sie an ihr Haupt zu wiegen
Und züngelt, als wollte sie sagen:
“Zu nah darfst Du Dich nicht wagen!”

O Hündchen, folgest Du deinem Herrn!
Doch der Vorwitz laesst das Necken nicht gern,
Er bellt nach der Schlange mit Ungestüm:
"Geh fort, Du garstiges Ungetüm".

Umsonst ruft das Hündchen der Junge,
Schon hebt sich die Schlange zum Sprunge,
Und oeffnet den Rachen und faehrt nach dem Hunde,
Und schlaegt ihm die toetliche Wunde.

JARARACA

"Aqui dentro de casa, oh que calor sufocante,
No caramanchão há sombra refrescante
E deliciosos frutos me oferece lá,
Para meu deleite, o pé de maracujá!"

Dito e feito, e sem muita reflexão,
Corre o menino ao abrigo do caramanchão;
E assim que vai, lhe segue sem tardar
Seu cãozinho, aos pulos e vivo ladrar!

E veja lá, no caminho espreguiçada
Uma jararacuçu está deitada
Ao sol — de seu modo acostumado —
Anelada em círculo apertado.

"Meu pai diz: "Só quando irritada
A má jararaca dá a sua picada."
"Por isso vou passar quieto sem a molestar,
Assim nenhum mal ela me vai causar."

E imóvel a jararaca continua a balançar,
Mal levantando a cabeça a balançar,
Só sibilando, como que quizesse alertar:
"Muito perto de mim não deves tu chegar!"

Oh, cãozinho, terias tu seguido o teu patrão!
Porém o intrometido não deixa a provocação,
Late contra a cobra muito valente:
"Sai daqui, tu monstro indecente".

E o menino chama seu cachorrinho em vão;
Já se prepara para o bote a serpente
E abre a boca e se lança contra o cão,
Abrindo a ferida mortal com picada peçonhente.

O Teatro em Blumenau V

Edith Kormann

O lançamento da pedra fundamental movimentou toda a Comunidade do Vale do Itajaí para dotar Blumenau do atual Teatro "Carlos Gomes". Todos contribuíram. Foram "quermesses", doações, rifas, bingos e toda a sorte de atividades que contribuíram para que o "nosso" teatro fosse um dos melhores do sul do Brasil e destinado, exclusivamente, a eventos artísticos-culturais. O Teatro "Carlos Gomes" é a continuidade do "Frohsinn", faz parte do patrimônio histórico e cultural da nossa Comunidade.

O Teatro possuía excelente sala de espetáculos com capacidade para quase mil espectadores, porém a construção do poço para a orquestra (no proscênio) exigiu a retirada de algumas filas de poltronas, e esta medida afetou também a utilização do palco giratório. A excelente caixa de teatro possuía além do palco e coxias, seis camarins, sendo quatro pequenos para os artistas e dois maiores para coral, corpo de baile e músicos, inclusive instalações sanitárias. As coxias permitem amplo movimento de cenários devido a sua altura e profundidade. A construção é sólida, possuindo ainda várias salas (na parte do teatro) destinadas aos ensaios individuais, guarda roupa de teatro, etc. e não como alguns querem insinuar, "destinadas a alojar a juventude hitlerista", pois para a maior parte dos idealizadores do "nosso" teatro, Hitler não era simpático. Também a sacada superior defronte ao teatro não foi construída com o fim específico para Hitler discursar. A concepção é ridícula, pois o acesso é difícil. Os camarins e salas destinadas às atividades teatrais, atualmente estão sendo utilizadas para fins os mais diversos. Para compensar a perda das salas e camarins pertencentes à caixa de teatro foram construídos três cubículos de madeira sem a mínimas condições de funcionamento.

Na ocasião, a área edificada era de 2.321,70m². Na gestão da diretoria sob a presidência do professor José Ferreira da Silva, as atividades artísticas e culturais ocupavam toda a agenda do teatro e para evitar choques com ensaios do coral, orquestra sinfônica, teatro, e espetáculos teatrais, houve necessidade de ser construído o pequeno auditório que lamentavelmente, o professor Ferreira da Silva não conseguiu completar, pois na época tudo era construído e conservado com o auxílio da própria Comunidade. O pequeno auditório, projetado para ser aconchegante e bem acabado, teve seu acabamento feito sem preocupação de senso estético e utilidades inerentes à pequenos auditórios.

Com a construção do pequeno auditório a atual área edificada é de 2.582,15m² num terreno de 9.960,50m², pois da antiga área (de terreno) de 10.630m², foram doados para a abertura da Rua Presidente Kennedy, 669,50m².

O suntuoso teatro, considerado um dos melhores do sul do Brasil, teve sua origem no pequeno Grupo Teatral cujos nomes a seguir, merecem o nosso respeito e admiração pela perseverança e amor à arte: Sra. Roese Gaertner, Sra. Meyer, Sra. Gloeden, Srta. Clara Breithaupt, Srta. Meta Friedenreich, Srta. Wendeburg, Sra. Von Hartentahl, Srta. Marie Breithaupt, Srta. Clara Schrepp, Srta. Ida Peters, Sr. Hartentahl, Sr. Krause, Sr. Ruediger, Sr. Heinrich Froehner, Sr. Blomeyer, Sr. C. Schmidt, Sr. Alfred Beims, Sr. Otto Freygang, Sr. Ernst Haertel, Sr. Leopold Hoeshl, Sr. Th. Lueders, Sr. Schott e Sr. Paul Schwarzer. Este foi o primeiro Grupo Teatral — 1860-1885. (continua...)

Sociedade de Atiradores Blumenau - Centro

(Traduzido do "Blumenauer Zeitung" por FRANZ BRACK)

Livro 1 — N° 6 — 9.2.1884 — Baile das Máscaras — Terça-feira 26.2.1884 — na Casa dos Atiradores.

Como já foi comunicado, realizar-se-á no referido local e dia, a pedido de muitos, um baile de máscaras, ao qual todos tenham acesso. A entrada, incluindo máscaras, 500 réis; sem máscaras, 320 réis, mas estes terão um pagamento de taxa extra para a música, não poderão dançar antes da retirada das máscaras, como também importunar os mascarados. Para evitar desagrados terão que adquirir um cartão.

N.B. — Se for realizado neste dia um desfile carnavalesco, deixo à disposição do mesmo, carro e cavalos grátis. O baile de máscaras inicia às 7 horas da noite. Máscaras já chegaram e poderão ser adquiridas comigo. — Franz Lungershausen.

— ● —
Livro 1 — N° 8 — 23.2.1884

Reunião Geral Extraordinária — Sociedade dos Atiradores em Blumenau. — Domingo, 2 de março, às 3 horas da tarde. Assunto único: discussão para a festa dos 25 anos, jubileu da sociedade. Pedese aos sócios que compareçam no maior número possível. — A Diretoria.

— ● —
Livro 1 — 8.3.1884 — Sociedade dos Atiradores. 4° ano. N° 10

Em Assembléia Geral Ordinária de 24 de Janeiro deste ano, foi tomada a resolução de que, para as festividades do 25° Jubileu da Sociedade a ocorrer em 2 de Dezembro, seriam lançadas ações de pequeno valor para cobrir as elevadas despesas indispensáveis às atividades. Estas ações não vencerão juros, porém serão resgatadas mediante sorteio e cobertos pelo superavit, o que poderá acontecer provavelmente no decorrer do próximo ano.

Esta resolução foi ratificada em assembléia geral extraordinária realizada no domingo 2 de março, de modo que deverá circular uma

lista de subscrição de ações no valor de Rs: 5\$000 (cinco mil réis) cada uma. A Diretoria pede aos senhores sócios da Sociedade que participem desta subscrição, para que as festividades e comemorações dos 25 anos de existência da Sociedade possam ser realizadas dignamente.

Se porventura alguém ainda quiser associar-se à Sociedade antes das comemorações afim de fortificar ativamente, deverá fazer a sua inscrição até meados de outubro, cuja admissão será aprovada na última assembléia geral ordinária. Admissões posteriores não poderão ser aprovadas e o proposto nem poderá tomar parte nas festividades.

A Diretoria.



Livro 1 — N° 10 — 8.3.1884

Sociedade de Atiradores em Blumenau — Reunião Geral — Domingo, 1° de abril — Ordem do Dia:

1) Assuntos gerais

2) Votação para admissão dos Senhores: Eugen Currilin e Ricardo Holetz.

3) Pagamento das mensalidades.

Aos sócios que estão em atraso com as mensalidades pede-se pagar as mesmas, pois conforme resolução da Assembléia Geral em 2 de março, todos os pagamentos deverão ter sido feitos antes da Festa do Jubileu. Exceções não valem para os moradores; só para os ausentes.

A Diretoria.



Livro 1 — N° 15, de 12.4.1884 — Sociedade de Atiradores em Blumenau. — 2° Feriado da Páscoa. — Tiro ao Disco. — Reunião geral — domingo dia 20 — Ordem do Dia:

1) Assuntos diversos.

2) Pagamentos das mensalidades.

Aos senhores sócios que estão em atraso com as mensalidades, pede-se pagar as mesmas, pois conforme resolução da Assembléia Geral de 2 de março, todos os pagamentos deverão ser feitos antes da festa do Jubileu.



Livro 2 — n°. 13 — 28/3/1885 — Soc. Atiradores de Blumenau Domingo de Páscoa — 6 abril: Tiro ao Porco — Início às 8 horas, marcha— à tarde, Tiro ao Disco — móvel.

A Diretoria.



Livro 2 — n°. 14 — 5/4/1885 — Casa dos Atiradores

No 2°. feriado da Páscoa, à tarde, 3 horas

Concerto, à Noite, Baile.

Cerveja Kulmbacher do Barril

F. Lungershausen

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

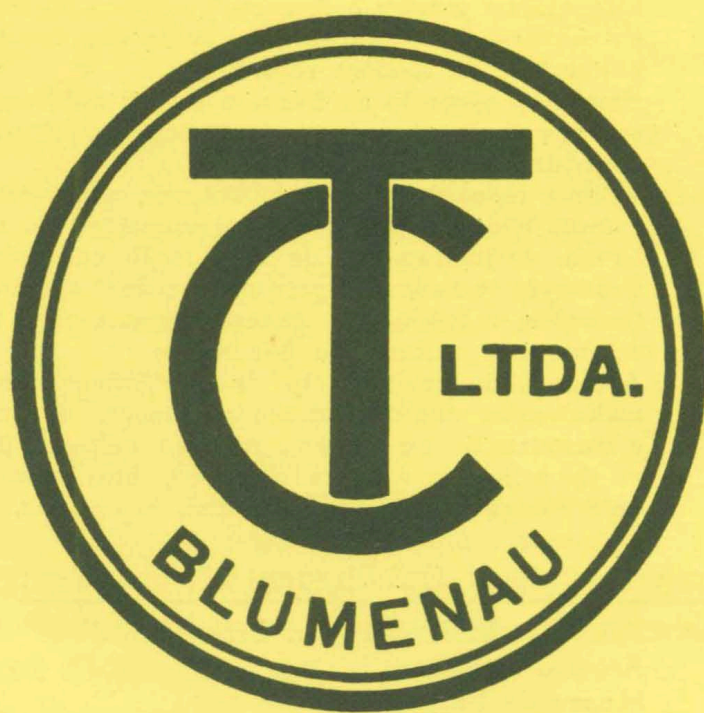
Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten - presidente*
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão - Prof. Antônio Boing Neto-*
Comerciante Arno Letzow - Advogado Beno Frederico Weiers-
Repres. Comercial Heinz Hartmann - Prof. Nelo Osti - Prof.
Olívio Pedron - Repres. Comercial Otto Laczynski e Indus-
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

IMPRESSÕES EM OFFSET

A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA